

Vida e Morte: Cotidiano no Atendimento de Adolescentes Delinqüentes e Drogados

Irany B. Ferreira*

I - Introdução

Em agosto de 1993 se iniciou no Instituto de Psiquiatria, do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (HC-FMUSP), um projeto de atendimento exclusivamente em regime ambulatorial para adolescentes de 11 a 18 anos que fossem usuários, dependentes de drogas (álcool, maconha, cocaína, crack, cola de sapateiro, etc.).

O projeto foi montado em integração com dois setores do IPQ, o SÉPIA (Serviço de Psiquiatria da Infância e Adolescência) e GREA (Grupo de Estudos de Alcoolismo). A proposta deste projeto é promover o atendimento dos adolescentes em diferentes níveis, médico-clínico, psiquiátrico-clínico, e psicoterápico: individual-vincular-grupal e familiar.

Montado o primeiro grupo de psicoterapia, iniciado com três adolescentes, no mês de setembro de 1993, logo houve o primeiro abandono, um garoto de 15 anos usuário de maconha, mas também, como de imediato, veio um novo elemento, e esse grupo, ainda um pequeno grupo, vem se mantendo com três adolescentes, desde setembro até a presente data.

II - Apresentação do Grupo de Adolescentes

1.R1 - 16 anos, estuda no primeiro colegial, sendo que já está na segunda escola este ano porque foi expulso da primeira, onde roubou a cantina. Há um ano furtou sua própria casa em 8 mil dólares, e gastou esse dinheiro todo em compras, uma moto, viajar, em adquirir cocaína, que é sua droga principal, inalada, embora às vezes use álcool e maconha também.

Além de estudar à noite, atualmente trabalha de dia com seu pai, ajudando-o, onde recebe um salário. Mora com os pais (pai arquiteto, mãe secretária), e tem um irmão menor. Usa cocaína duas vezes por semana, todas as semanas, sempre em grupo pequeno, ambiente tranquilo, essa é sua proposta. É também um pequeno traficante de drogas. Não usa armas. Há um dado significativo na sua história, de que quando tinha 13 anos tentou se matar após ter sido trocado por outro pela sua namorada. Seu avô suicidou-se com um tiro.

2.R2 - 15 anos, parou de estudar na 5ª série, foi expulso de inúmeras escolas por problemas de mau-comportamento. Trabalha com seu pai onde

RESUMO

O artigo se propõe a trazer um tema, que se apresentou em uma frequência constante em sessões de Psicoterapia de grupo de Adolescentes. O tema é Vida e Morte: este grupo de adolescentes usuários-dependentes de drogas e portadores de distúrbios de conduta do tipo delinqüencial. Além da constatação, vivência, e proposta para se operar e transformar este tema na dinâmica destes pacientes, há a hipótese de ser o tema um dos eixos para que adolescentes passem a se drogar e a delinqüir.

UNITERMOS

Psicoterapia, Adolescência, Drogas.

* Psiquiatra, psicoterapeuta, psicodramatista, médico assistente do Serviço de Psiquiatria da Infância e da Adolescência do Instituto de Psiquiatria do HC-FMUSP

o ajuda e recebe um salário. Mora com sua família, (pai, micro-empresário em computadores, mãe, do lar, e duas irmãs menores). Usa principalmente cocaína inalada e álcool em grandes quantidades, chega a perder a consciência ao ponto de ser necessário levá-lo em Hospital Geral para atendimento em Pronto-Socorro.

Conta ter sido traficante, convívio com outros em favela, e realizado grandes negócios. Várias vezes roubou dinheiro dos pais usando o cartão magnético de suas contas bancárias. Já andou armado, se envolvendo em alguns tiroteios, com outros elementos da favela.

3.L. 14 anos, estuda na 3ª série, tendo dificuldades imensas na sua alfabetização. Não trabalha, e reside com seu pai, (comerciante) e a segunda esposa do pai, do lar, e uma irmã menor desta segunda união paterna. Pouco vai à escola, foge frequentemente de casa, indo para uma favela próxima, onde passa muitos dos seus dias, usando crack, durante dias e noites consecutivos até a exaustão, e também onde se envolvendo com malandros e assaltantes, realiza roubos de toca-fitas e outros objetos. Já tem passagem na polícia, usa às vezes armas, já atirou, não confirma ter realizado um homicídio, embora sugira ter vivido um situação muito próxima.

III - Relatos das Sessões de Psicoterapia

O grupo de terapia está hoje na sua sétima sessão realizada de existência. É composto por três elementos, ainda sendo um grupo aberto podendo chegar a cinco, como limite máximo para o tempo disponível da sessão, que é de sessenta minutos. Os elementos do grupo são três, todos masculinos, e o terapeuta, único elemento da equipe terapêutica, também é do sexo masculino.

Nas primeiras sessões estavam presentes, do atual grupo R1 e R2, e L., somente chegou no final do mês de setembro. O grupo está com esta configuração: R1, R2 e L. R1 e R2 não faltaram desde o início deste grupo, e L. apresentou um falta (ocasião em que fugiu de casa para a favela).

Vale a pena esclarecer que antes de se ter três elementos, número mínimo para se iniciar um grupo de terapia, os pacientes foram atendidos em psicoterapia individual para ir formando vínculo, e já trabalhando os conflitos que iam surgindo. E foi observado que nas primeiras sessões R1 e R2 vinham acompanhados pelos pais, como se eles necessitassem de um acompanhante para estarem vindo as sessões, mas a partir do início do grupo somente R2 veio em duas sessões acompanhado, e L por quatro sessões. Portanto, nas últimas duas sessões do grupo os três integrantes vieram desacompanhados.

A primeira sessão do grupo foi aonde aconteceu a apresentação dos elementos do grupo, e para tal foi usado um jogo de adivinhação para dinamizar a sessão, favorecendo interação, integração e no final da sessão se fez o contrato do trabalho terapêutico.

A segunda sessão, quando L. faltou, foi centrada em esclarecer e conhecer mais dados da história dos elementos do grupo, por exemplo, como e quando a droga havia entrado na vida de cada um deles; como lidavam com esta situação, porque usavam droga, e assim por diante.

A terceira sessão, com todos presentes, começou a mostrar um estilo, a esboçar uma dinâmica grupal que passou a se repetir nas sessões seguintes, isto é: entravam na sessão todos polidos e educados, respeitosos, estendiam suas mãos e me cumprimentavam.

Sentávamo-nos em círculo. Começavam a falar, e a falar de drogas, de quanto usaram no final de semana que passou, de como "zoaram", de como se divertiram; de como conheciam todos os pontos de droga; de como sabiam quais traficantes era mais barateiros que outros; de como a polícia não conseguia nada com eles, não os amedrontava, de como sabiam lidar com os policiais e de como eram arriscados e ousados; podiam tudo, faziam tudo o que queriam, eram fortes e poderosos - verdadeiros "super-homens", imortais. E nesse momento começaram a se denominar uns aos outros, a se identificar não só pelo nome, mas por apelidos, "pipador" era L., - o fumador de cachimbo de crack, e os "cheiradores", R1 e R2, que cheiravam cocaína, ou "farinha", como intimamente chamavam a droga.

Nesse momento o terapeuta perplexo e assustado ao constatar a tranquilidade e segurança com que falavam da droga e do seu mundo, até com uma gíria própria, interrompe de uma maneira até agressiva, e propõe um tema depressivo para aqueles adolescentes eufóricos em verdadeiro manejo maníaco. "E aquelas situações que vocês colocaram que queriam morrer, desejavam se matar?" Faz-se um silêncio breve, e respondem: R2 - "É eu queria me matar porque não vejo graça na vida, não sei o que é, e não sinto felicidade, e já me coloquei em situações de perigo de levar tiro e não levei, e por um revólver na cabeça e atirar, não tenho coragem, então vou é atirar nos outros, vou matar outras pessoas - é muito mais divertido". Fala rindo e imitando alguém com um revólver atirando. R1 - responde-me da mesma forma, concordando com R2, e acrescentando "vou detonar meu nariz que não gosto, vou esburacá-lo, e assim a minha mãe que diz não ter dinheiro agora para eu fazer cirurgia plástica, para diminuir o tamanho do meu nariz, vai ter de fazer de qualquer jeito, vou conseguir mudar minha cara". E L. com sua linguagem de "malandro de favela", na mesma fala do outro, fazendo os gestos de quando fuma crack, dizendo "quando eu fumo, eu fico muito louco, muito doidão e aí vêm a vontade de roubar, de matar, de transar, e faço tudo isso - não ligo para o que vai acontecer comigo". Fim de sessão, marco seus retornos nos cartões de identificação do HC, estendem-se a mão cerimonialmente, "Tchau "I", bom fim de semana", (dois deles me desejam). Fecho a porta, sento-me e, esvaziado e perplexo penso: "Eles não têm angústia e não sofrem. Não vão se modificar?"...

Vem a quarta sessão, que me parece muito importante para uma mudança na interação terapêutica, pacien-

tes/grupo. No seu início o mesmo ritual: o que fizeram, que droga usaram, e isto partindo espontaneamente deles, um provocando o outro - quem pode mais? Qual a "boca" melhor e mais quente? Assim foi-se passando o tempo, quinze minutos, vinte minutos, o terapeuta cada vez mais pesado na sua cadeira, cada vez mais "deprimido" com os relatos. Levanta-se começa a andar, e propõe um trabalho dramático para mudar essa dinâmica.

- "Vamos fazer uma vivência. Chama-se o túnel do tempo.

- Vamos nos teletransportar para daqui a algum tempo, para o futuro e então poder olhar, de um tempo a frente, para este momento presente". De pé L, R1 e R2 começam a andar, e em silêncio, o tempo vai se deslocando no contexto do imaginário do "como se". "E vamos não para um futuro tão distante, mas para daqui a dois anos "1995". E então o que acontece: R1-fala:

- "Estou com dezoito anos, namorando firme, quase não uso farinha; estou prestando vestibular, vou entrar na faculdade, quero me casar".

R2 - "Estou quase casando, tenho vários filhos com outras mulheres, não com esta com que vou me casar; estou trabalhando, assumi o negócio do meu pai, porque ele morreu, e estou cuidando e sustentando a minha mãe e minhas duas irmãs. E L, o "malandro" "Não ando mais na favela, trabalho, estou namorando firme, meu pai morreu e eu estou sustentando minha mãe e minha irmã".

- "Que surpresa - pensa o terapeuta, eles querem mudar, eis um caminho, aí estão os conflitos.

Pulo para a sétima sessão, aonde lá vem eles, os três garotos que me cumprimentam, respeitosamente. Mais uma vez L pergunta, testando meu limite. "Não posso fumar aqui?". Respondo que não, porque fizemos um contrato de trabalho. E começam a contar: R2 - "Estou há duas semanas sem usar droga, estou careta". R1-"Vou usar farinha neste final de semana, não cheirei na que passou, mas zoei muito no final de semana passada com meus amigos". E L. conta de "como ele e os amigos dele entraram armados no show do Michael Jackson, com as armas na 'shana' de uma menina". Os "homens" não revistavam as meninas e se tivesse tido alguma briga eles teriam "furado uns côcos". "L. está preocupado com a polícia, porque eles o prenderam roubando um toca-fitas. "Aí sujou, estão na minha cola". Levanta-se o terapeuta e propõe um trabalho: - "Vamos montar uma cidade com os elementos que temos, neste pedaço da sala. Um espaço "como se" é delimitado, e depois de montada a cidade, vocês vão assumir personagens, pessoas que moram nesta cidade e têm uma função, uma ocupação. "Que temos?"

L. responde: "Sou o Malandro, moro na favela, sou esperto, faço o que quero, roubo, apronto, e ninguém me pega. Se os policiais subirem aqui, (e aí faz gesto) atiro neles".

R1 responde: "Sou traficante, vendo drogas para o Malandro, ganho muito dinheiro, e não tenho problema

nenhum". Ele, apontando para o Malandro diz: Ele compra tudo, é um trouxa!".

R2 fala: "Sou o proprietário desta cidade, tenho 50% das propriedades desta cidade, sou também dono dos postos de gasolina".

Jogam papéis, interação, congelo e proponho para cada um deles a busca do contra papel ainda nos personagens desenvolvidos:

- Sou o proprietário para não ser um, uma, "favelado". (diz R2).

- Sou malandro para não ser... "policial". (diz L.).

- Sou o traficante para não ser "pobre". (diz R1).

O terapeuta faz comentários, marca a existência dos personagens, e encerra a sessão, já era hora, e os três se despedem respeitosamente, "Tchau, bom fim de Semana".

IV - Breve Sharing

É um sharing do terapeuta, no papel de terapeuta: Como é difícil atender esses pacientes; como são capazes de gerar no terapeuta tanta angústia, e sensações de impotência: "Não vai dar certo, não vão mudar estes garotos". E sentimentos de até medo físico. Será que não vão armados à próxima sessão?", e receio pela vida deles. "Estarão vivos na próxima sessão? L. escapará da polícia? R2 não entrará em coma em algum Pronto Socorro?". Surgiu até sentimento de desistência "que estou fazendo aqui?". "Vou parar de atender este "tipo" de paciente, porque não vou aguentar".

E também por outro lado - "Poxa!! São humanos, e não super-homens indestrutíveis e imortais, às balas dos revólveres, às drogas e aos questionamentos a tratamentos".

E sentimentos - "Eles estão se emocionando, podendo até deprimir um pouco". E eles não têm faltado, estão se vinculando, parece haver caminhos terapêuticos".

V - Processamento

Sem dúvida é um grupo que está se estruturando. O trabalho terapêutico com estes garotos se iniciou há pouco, sete sessões. Porém é impressionante a mobilização de sentimentos e de trocas entre eles, e entre eles e o terapeuta e, finalmente do terapeuta consigo mesmo.

Quais foram as invariantes das sessões? Quais os temas que se repetiram? Qual era a linha condutora da dinâmica?

- Foram perguntas que levantei e levanto.

A primeira coisa que me chamou a atenção foi o envolvimento e o entusiasmo sobre o tema drogas - todo o começo de sessão eles faziam trocas e se identificavam mutuamente, e exibiam os relatos das situações vividas como se fossem tesouros encontrados, e vibravam como se estivessem tendo

êxtases. E como isto era atraente, pegava-me às vezes querendo saber mais, também me atualizar sobre o que era contado, e vibrava com suas histórias de aparentes "guerreiros".

E se eu não tomasse cuidado era absolvido por essa dinâmica.

Outras vezes ia murchado, encolhendo, ficando pesado, e como era difícil me levantar e operar, poder propor a Ação Dramática.

Com estes sentimentos e pensamentos presentes chegamos à terceira sessão quando surgiu o tema "imortalidade aparente - super homens - suicídio", e percebi - morte - morrer - se matar, será que era sobre isto que queriam falar e não conseguiam?

Por outro lado, um tema tão pesado com este, e eles sequer não deprimiam? E, no início, e no final da sessão, tão respeitosos, tão polidos, tão educados e bem comportados.

Qual era a charada ou charadas? E aí surge a quarta sessão, onde se propõe o "túnel do tempo" como um recurso para se poder quebrar a dinâmica, buscar uma projeção ou idealização, e até para poderem ter outros L, R1 e R2 para se compararem. E até fazer um espelho "quem sou", "quem serei", "quem fui". E nessa quarta sessão aparecem garotos envolvidos com garotos, projeções de casamentos, filhos, gravidez, cuidar da mãe, pais que morrem, e desaparece o tema droga - polícia - traficante - favela.

E de uma certa forma isto se repete na sétima sessão aonde vem as duas dimensões, ou melhor, papel/contrapapel, os garotos corajosos, quase imortais, de um lado, e de outro o policial, o pobre e o favelado.

Passo a refletir nesta dinâmica - papel contra-papel, e o conceito de complementaridade, penso que idéias como: suicídio, enfrentar policiais, usar drogas até o ponto de ter "apagamentos", detonar o nariz, até furá-lo, tristeza, depressão. Que conceito englobaria tais idéias? Resposta: Conceito de Morte, morrer, destruição. E de outro lado, o que temos: Vida. E aí algumas idéias e conceitos se encaixam: filhos, gravidez, cuidar da mãe, estudar, casamento têm muito a ver com vida-viver.

Por outro lado, questionando-me, idéias e emoções são despertados no terapeuta durante o atendimento destes adolescentes: - Será que virão armado na próxima sessão?

Estarão mortos? Impotência, paralisação, depressão — Morte do outro, é possível trabalhar, operar, eles são capazes de dramatizar, são seres humanos com conflitos, e que prazer é descobrir e poder praticar — Vida, e o "bom fim de semana", sempre dito para o terapeuta: "Veja se aguenta e não desista", senão será o fim do grupo, o final do trabalho, a Morte do grupo. E observando esta dinâmica emocional no terapeuta confirmando a presença dos dois temas: Vida e Morte.

Primeiro apareceu o de Morte, e com o trabalho terapêutico pode surgir o de Vida.

E um detalhe penso, no paradoxo e na metáfora da palavra escolhida como sinônimo de cocaína, farinha, pois ao mesmo tempo que uma dose máxima de farinha pode matar, a mesma farinha serve de alimento para pessoas, para os bebês.

Pesquisando-se o tema Vida e Morte nas anamneses colhidas dos três pacientes, observa-se que R1 tentou se matar após rejeição por namorada e o seu avô que se suicidou com um tiro - o tema Morte portanto presente. L. é filho de pais separados houve um luto a ser elaborado e luto tem a ver com a perda, com a Morte de uma situação, e R2 fala muito nas sessões do seu pai que tem amantes, é um "cafajeste", e do papel que tem com suas duas irmãs, onde se queixa de não ser o foco de atenção principal, mas sim o secundário, portanto duas perdas, uma na imagem que fazia do seu pai e outra do lugar que gostaria de ter na sua casa, portanto mais perdas, mais lutos.

Penso em poder levantar uma hipótese: será que o tema Vida - Morte não é anterior ao aparecimento das drogas e dos distúrbios de conduta delinqüenciais?

Será que o próprio uso de drogas, cocaína e crack, e os atos de delinqüência não significariam sintomas de uma estrutura, de um papel de Morte cada vez mais presente e intenso no existir de cada um desses adolescentes?

Finalizando, é um trabalho em início, e com uma população estatisticamente pequena, portanto, é muito cedo para se falar em testes, apenas cabe levantar hipóteses sobre o que acontece nas sessões de terapia. Tendo a absoluta certeza que outras dinâmicas estão se sucedendo: - potência-impotência; prazer - desprazer - como lidar com limites - relacionamento com figura paterna e também com a materna.

Mas a minha impressão é que os temas de Vida e de Morte, Viver ou Morrer, foram os primeiros a ser colocados, foram os mais emergentes, eram aqueles que precisavam ser trabalhados, ser contidos, no início do processo terapêutico.

SUMMARY

The Purpose of the article is to introduce a theme, which appears frequently in Psychotherapy's sessions of a group of adolescents. The theme is Life and Death: these adolescent group is composed of addicted-dependence of drugs and delinquencial disturbances. Beside the observations, experience and purpose to work and transform the theme in the psychodynamic of these patients, there's the hypothesis of been the theme one of the main cause for adolescents begin to be addicted and delinquent.